

1. DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro, sob compromisso de honra, que o documento aqui apresentado, pelo qual sou responsável, constitui uma ideia original não sendo decorrente de plágio, nem de qualquer cópia.

2. INTRODUÇÃO

O presente documento constitui o Relatório Final de Estágio, sendo o culminar do Estágio Pedagógico, inserido nos 3º e 4º semestres do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Neste relatório pretende-se elaborar uma reflexão final de todas as atividades efetuadas no decorrer do estágio, realizado na Escola Secundária da Lousã durante o ano letivo de 2011/2012, que tinha como objetivo proporcionar uma integração de conhecimentos adquiridos, através de uma prática docente orientada e em situação real, de forma a profissionalizar docentes de Educação Física.

Este relatório tem como principal objetivo descrever a atividade como professor estagiário, pretendendo realizar uma reflexão acerca do trabalho efetuado, descrevendo as minhas expectativas iniciais em relação ao estágio pedagógico, bem como enumerar os aspetos positivos e negativos, as dificuldades sentidas, a importância de todo o trabalho realizado, a experiência pessoal e profissional que o estágio ministrou e que mais-valias poderão trazer numa futura função de profissional docente de Educação Física.

3. EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO

Perspetivava-se que este ano de estágio seria um contributo bastante importante no desenvolvimento de competências pessoais e profissionais, para o desempenho da futura função como profissional docente de Educação Física. O estágio seria assim uma ótima oportunidade de aprendizagem, favorecendo a aquisição e desenvolvimento de espírito de trabalho, não só como professor, individualmente, mas também de trabalho de grupo e cooperativo com todos os elementos do núcleo de estágio. O professor estagiário considerava que o núcleo de estágio onde se inseria iria proporcionar ótimas oportunidades de aprendizagem e formação, pois todos os estagiários eram extremamente acessíveis e competentes.

Como professor estagiário seria de esperar um profissional com a função específica de ensinar, manifestando ainda capacidade de investigação e reflexão partilhada da prática educativa. Pretendia-se também que o professor estagiário fomentasse o desenvolvimento da autonomia dos alunos e o seu pleno envolvimento na sociedade, tendo em conta o carácter complexo e diferenciado das aprendizagens escolares.

Um aspeto inicialmente inquietante era o número exagerado de alunos que as turmas hoje em dia podem conter, tal como o comportamento dos alunos que por vezes pode ser bastante desconfortante. A turma atribuída ao professor estagiário continha inicialmente 28 alunos, sendo reduzida para 25 alunos e passando a ser de 26 alunos já no segundo período. Numa turma relativamente grande, a organização das aulas deveria ser de modo a que não houvesse filas de espera nem tempos mortos, devendo ainda maximizar o tempo de prática e empenhamento motor dos alunos.

Uma vez que a turma era constituída por 19 raparigas e apenas 6 rapazes, o professor estagiário pensou que seria uma turma difícil de manter motivada, principalmente nas modalidades coletivas, com as quais geralmente as raparigas não simpatizam. Preocupação esta que não foi de todo fora da realidade, pois em apenas um mês de aulas, já várias estratégias tinham sido adotadas por parte do professor estagiário, com o objetivo de alterar a atitude dos alunos para que estes se mostrassem mais empenhados nas aulas.

Outra preocupação seria o surgimento de possíveis dúvidas e incertezas ao longo do estágio, sobre as quais seria importante refletir, apoiado não só nas

experiências e vivências apreendidas durante toda a formação acadêmica e no desempenho da profissão em anos anteriores, mas também na investigação e em outros recursos importantes para avaliar desenvolvimento profissional. Tendo em conta as várias modalidades possíveis de abordar durante o ano letivo, seria necessário adquirir conhecimentos no sentido de realizar uma lecionação de bom nível, para que o processo de ensino-aprendizagem fosse benéfico para os alunos. O professor estagiário pretendeu desenvolver continuamente competências pessoais, sociais e profissionais, considerando as diversidades e semelhanças das diferentes realidades.

O trabalho de equipa deve ser considerado como fator de enriquecimento da formação e da atividade profissional, por isso valorizou-se a partilha de saberes e de experiências entre colegas.

Era de esperar que no final do estágio, o professor estagiário tivesse desenvolvido os seus conhecimentos académicos adquiridos no decorrer do primeiro ano do curso de mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, bem com obtido novos conhecimentos e pedagogias.

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O Estágio Pedagógico foi dividido em Atividades de Ensino – Aprendizagem e Atitude Ética – Profissional, tendo decorrido ambas em simultâneo. A primeira foi dissociada em três competências essenciais que um professor deve desenvolver, de forma a existir uma adequada condução do processo de ensino-aprendizagem: Plano Anual, Unidades Didáticas e Plano de aula. Estas competências são o resultado de um trabalho desenvolvido durante o ano letivo e dirigido a uma só turma.

Assim, as atividades desenvolvidas pelo professor estagiário serão aqui dissecadas em quatro grandes pontos: planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional.

4.1. Planeamento

O planeamento é em primeiro lugar uma necessidade humana constante no dia-a-dia, uma vez que quando um homem pensa ou tem ambição de atingir certo objetivo, este vai atuar segundo um plano que lhe pareça mais favorável a alcançar o seu fim desejado.

Segundo Padilha (2001), planeamento é um processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planear é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando a concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações.

“O professor ao planear o ensino antecipa, de forma organizada, todas as etapas do trabalho escolar. Cuidadosamente, identifica os objetivos que pretende atingir, indica os conteúdos que serão desenvolvidos, seleciona os procedimentos que utilizará como estratégia de ação e prevê quais os instrumentos que empregará para avaliar o progresso dos alunos.” (Turra & Haudt, 2000)

Seguindo esta linha de pensamento era então necessário planejar a intervenção a realizar durante o ano letivo. Neste sentido existe um guia orientador a ter em conta, o programa nacional do 3º ciclo, não sendo este elemento máximo da planificação dadas as adequações necessárias contemplando as limitações do meio social e escolar.

Para considerar os conhecimentos dos alunos é necessário propor situações em que possam mostrar os seus conhecimentos, suas hipóteses durante as atividades implementadas, para que assim forneçam pistas para a continuidade do trabalho e para o planeamento das ações futuras (Xavier, 2000).

A planificação é indiscutivelmente um aspeto essencial para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que clarifica o processo pedagógico, adequando os meios aos fins, de forma a racionalizar a ação. É assim necessário que haja uma relação profunda entre o Plano Anual, as Unidades Didáticas e os Planos de Aula.

4.2. Plano Anual

O primeiro passo do planeamento e preparação do ensino é constituído pela elaboração do Plano Anual. Este traduz um domínio e compreensão dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, tal como reflexões e noções acerca da organização do ensino no decorrer de um ano letivo.

Segundo Bento (2003), é fundamental a conceção das aulas como um todo harmonioso, de forma a alcançar um resultado satisfatório global do ensino. As características, as leis, os princípios e a essência do ensino não admitem a ideia de planejar isoladamente as ações pedagógicas, de aula para aula, de fragmentar processos de formação de capacidades e habilidades, processos de aquisição de conhecimentos e processos de educação. No ensino, trata-se de traçar e realizar um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um período lato de tempo, a partir do qual se definem e estipulam pontos e momentos nucleares.

O plano anual deve ser então um documento exequível, didaticamente exato e rigoroso, que oriente para o essencial e com base nas indicações programáticas e em análises da situação na turma e na escola.

Partindo do pressuposto que o processo de ensino – aprendizagem deve ser individualizado, e que cada indivíduo é um ser com particularidades que o distingue de todos os outros, este documento procurará seguir estes princípios, servindo como linha orientadora da base de atuação do professor, podendo esta ser sujeita a reajustamentos determinados por mudanças ocorridas ao longo do ano letivo.

Na elaboração do Plano Anual da turma E do 9º ano de escolaridade da Escola Secundária da Lousã, foi realizada a caracterização do meio, uma vez que o professor estagiário não conhecia a Lousã, nem o contexto em que se inseria a escola, analisando-se assim o contexto cultural, económico e desportivo. Foi realizada também uma análise e caracterização da escola, de forma a se conhecer e compreender o funcionamento desta. Na caracterização da escola, foi realizado um levantamento sobre como esta está organizada, o espaço físico inerente à mesma e ainda os recursos materiais disponíveis, através de uma análise ao Projeto Educativo e ao Regulamento Interno da Escola.

Após o reconhecimento dos recursos espaciais e materiais, fundamentais na abordagem da educação física na escola, coube ao Núcleo de Estágio decidir as matérias a abordar durante o ano letivo, bem como a sua duração e momentos de avaliação.

O plano anual é o ponto de partida para a escolha e sequência das atividades a desenvolver durante o ano letivo e conseqüentemente para a decisão de quais os conteúdos a abordar, no decorrer do mesmo. As matérias a abordar no ano letivo 2011/2012, para as turmas dos estagiários, foram definidas pelo Núcleo de Estágio de Educação Física, em função dos programas e dos recursos existentes na escola.

A avaliação diagnóstica, que será abordada mais à frente, é um tipo de avaliação que tem como principal função, aferir o nível global da turma e individual dos alunos. Através dela elabora-se o planeamento e definem-se objetivos a atingir. Este tipo de avaliação é fundamental pois é o principal elo de ligação para a etapa do planeamento. Foi decidido inicialmente pelo Núcleo de Estágio de Educação Física que a avaliação diagnostica de todas as matérias, seria realizada no início da abordagem a cada Unidade Didática uma vez que a avaliação inicial de todas as matérias se tornaria num período muito extenso que iria retirar tempo ao processo de ensino-aprendizagem e à lecionação das matérias. Assim, fundamenta-se esta decisão numa ideia de rentabilização máxima do tempo disponível para o processo de ensino-aprendizagem.

A caracterização da turma foi mais um documento criado no âmbito do plano anual, com uma enorme importância para o conhecimento dos alunos bem como a individualização do processo de ensino-aprendizagem. A caracterização da turma foi realizada através da análise de um questionário (**ANEXO**), elaborado pelo Núcleo de Estágio, e colocado aos alunos na primeira aula. Pretendia-se assim conhecer o contexto familiar e escolar dos alunos (os hábitos de higiene, alimentares, de deslocação até à escola, os gostos, as possíveis doenças impeditivas ou limitativas da prática física e ainda prática física extracurricular, federada ou não), bem como a sua relação com a disciplina de Educação Física.

Estes dados permitiram adaptar o processo ensino – aprendizagem à turma, influenciando assim o planeamento das matérias e das aulas, individualizando o ensino de acordo com as necessidades de cada aluno.

O planeamento das matérias foi ainda influenciado pela rotação de espaços realizado pelo grupo de educação física da escola (*roulement*).

4.3. Unidades Didáticas

As unidades didáticas são um conjunto metódico de atividades organizadas e interligadas, para o alcance de um objetivo educativo em relação a um conteúdo concreto, garantindo o sucesso do processo de ensino – aprendizagem, justificando-se a sua existência pela necessidade do apoio da atividade da Educação Física em objetivos precisos e sistematizados.

A unidade didática deve ser um documento base para uma boa intervenção pedagógica, necessitando de ser bem pensado e executado, possuindo uma estrutura que se pretende prática e facilitadora da ação educativa, principalmente da prática docente. Qualquer unidade didática deve ser flexível, podendo ser sempre alterada de modo a ir ao encontro com as necessidades dos alunos. Nas unidades didáticas estão ainda incluídas a estratégias de ensino que são de acordo com a turma e a matéria em questão.

Inicialmente, aquando da realização da primeira unidade didática o professor estagiário sentia-se um pouco “perdido”, sem saber bem o que planear para a turma em questão, uma vez que era a primeira vez que estava a realizar um documento

que deveria ser seguido e executado. Neste caso, a avaliação diagnóstica da turma foi fundamental para permitir uma boa elaboração do documento, visto que após o relatório desta avaliação, tem-se toda a informação das dificuldades e necessidades dos alunos, podendo assim analisar os programas nacionais e traçar objetivos para a turma, a serem atingidos no final da unidade didática. Os recursos materiais, espaciais e temporais são também elementos que se devem ter em conta na elaboração das unidades didáticas, uma vez que qualquer destes elementos condiciona o planeamento e desenrolar de uma unidade didática.

Depois de determinados os objetivos, foram enumeradas um conjunto de tarefas, de progressões pedagógicas lógicas, adaptadas aos níveis dos alunos e possíveis de aplicar nas aulas da unidade didática, de forma a existir uma evolução do aluno em todas as aulas, em função dos objetivos gerais e comportamentais.

Deste modo foi elaborado um documento de extensão e sequência de conteúdos por aula, no qual se pode visualizar qual a sequência de conteúdos abordados ao longo das aulas.

Com o intuito de melhorar após cada tarefa, devem também as unidades didáticas conter um balanço final onde são complementados os seguintes fatores: planificação e realização da unidade didática, comparação entre a avaliação diagnóstica e a avaliação sumativa, dificuldades sentidas, possíveis decisões de ajustamento e uma reflexão final.

4.4. Plano de Aula

No início do ano letivo, o Núcleo de Estágio, com ajuda do professor orientador João Moreira, desenvolveu um modelo de plano de aula estruturado em três partes (inicial, fundamental, e final). Todas as aulas devem representar um momento de reflexão e planeamento e não um momento de simples improvisação. O plano de aula é o veículo que nos permite atuar todas as aulas, de acordo com o anteriormente planeado na unidade didática. Todos os planos de aula foram elaborados em concordância com o estabelecido e programado na extensão e sequências de conteúdos e objetivos propostos para a matéria incluídos nas unidades didáticas.

Na sua estrutura foram incluídos os objetivos da aula, a função didática, os recursos materiais, os conteúdos a abordar, a descrição e organização das tarefas e respetivos objetivos específicos, o tempo de cada parte da sessão e de cada tarefa, critérios de êxito de cada tarefa e suas componentes críticas.

Os planos de aula tal como qualquer outra estrutura pertencente ao planeamento são suscetíveis de alterações sempre que necessário, cabendo ao professor saber qual o momento de alterar o que está planeado e o que poderá não se adequar ao momento ou à reação dos alunos a essa tarefa.

No final de cada aula foi realizada uma breve reflexão sobre a mesma, com o professor orientador e os professores estagiários.

5. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Compreender a atividade física e desportiva mostra o interesse em conhecer as relações dos seus intervenientes, sedo eles praticantes, organizadores ou orientadores.

O desporto, como manifestação social que é, exige organização, juntando regras e códigos que o definem e delimitam. Cabe ao professor de educação física ensinar as regras do jogo, de maneira a que estas não inibam a impulsividade e o prazer natural da própria atividade.

A multiplicidade de objetivos, de contextos, de matérias, de características dos alunos e professores que definem o processo de ensino-aprendizagem estabelecem uma grande variedade de estratégias de ensino e de procedimentos técnico-didáticos, que o professor tem à sua disposição, devendo escolher os procedimentos, que dependendo da situação e contexto, melhor se ajustam à concretização dos seus objetivos pedagógicos (António Rosado, 1999).

É indiscutível a importância de uma boa intervenção pedagógica no processo de aprendizagem dos alunos. Uma boa ou má intervenção pedagógica por parte dos professores é muitas vezes responsável pelo sucesso ou insucesso dos alunos. Para dizermos se a intervenção pedagógica é realmente feita de maneira correta, existe um grupo de Dimensões de Intervenção Pedagógica, dimensões estas estudadas na disciplina de Didática da Educação Física do 1º semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, e que são um agrupamento didático das técnicas de dimensão pedagógica numa taxonomia destinada a estudá-las analiticamente, sem perder de vista a globalidade da competência a ensinar. Existem quatro dimensões de intervenção pedagógica importantes: a instrução; a gestão; o clima e por fim, mas não menos importante, a dimensão disciplina. As técnicas de intervenção pedagógica servem como “pontos orientadores” para os professores, para que estes consigam lecionar e transmitir todo o conhecimento e aptidões necessárias para a formação dos seus alunos.

Pode-se dizer que a ação pedagógica é dividida em três fases:

- Pré interativa – decisões a tomar antes de estar com a turma/equipa.
- Interativa – intervenção do professor/treinador durante a ação.

- Pró interativa – decisões a tomar após estar com a turma/equipa e que integrarão a fase pré-interativa seguinte.

5.1. Instrução

A dimensão instrução engloba todos os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que fazem parte do repertório do professor para comunicar informação substantiva.

No início do estágio pedagógico foram vários os receios nesta dimensão, desde as preleções iniciais e instrução de tarefas que se queriam rápidas e objetivas, até às intervenções assertivas e oportunas. Durante o estágio pedagógico esta dimensão, através de reflexão e *feedbacks* por parte do professor orientador, foi melhorando, conseguindo-se então, comunicar e intervir no processo de ensino – aprendizagem de forma apropriada e objetiva, tornando-se mais eficaz.

Inicialmente a demonstração não era realizada pelo professor estagiário, por vezes com receio de errar perante os alunos, mas ao longo das aulas estratégias foram sendo adotadas com vista a melhorar esse aspeto, sendo a utilização dos alunos como agentes de ensino, uma delas. Os *feedbacks* no início também foram em pouca quantidade, devido à preocupação com outros aspetos tais como gestão e controlo da turma. Depois do *feedback* inicial, o professor deve verificar se este teve o efeito pretendido, ou seja, se houve alteração ou manutenção do comportamento, para de novo diagnosticar e prescrever o retorno necessário. Para melhorar a eficácia do ensino é necessário fornecer *feedbacks* pertinentes e efetuar uma observação empenhada da execução do aluno de forma consequente ao *feedback* inicial.

Com o passar das aulas, o professor estagiário foi ganhando confiança e realizando cada vez mais *feedbacks*. Esta atitude foi positiva não só pela possibilidade de evolução dos alunos, mas também por eles sentirem o professor mais presente, havendo assim um maior empenhamento motor por parte deles.

O questionamento faz também parte da dimensão instrução. Este era a princípio utilizado apenas no final das aulas, mas ao longo do ano letivo o professor estagiário foi utilizando o questionamento em vários momentos da aula, de forma a ter também os alunos com mais atenção às suas preleções.

Na preleção final o professor estagiário efetuava sempre um balanço final sobre a atividade, elogiando, ou não, os alunos pelo seu empenhamento na aula, controlando a aquisição de conhecimentos, e realizava uma breve extensão de conteúdos a abordar na aula seguinte.

5.2. Gestão

A gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do professor que produza levados índices de envolvimento dos alunos nas atividades das aulas, um número reduzido de comportamentos inapropriados, e o uso eficaz do tempo de aula.

Desde a primeira planificação das aulas, o professor estagiário mostrou bastante preocupação em prever o tempo que cada exercício tomaria, incluindo já o tempo de instrução, e em elaborar os exercícios de forma a não alterar muito a organização da aula, de maneira a não perder sempre tempo na organização de cada exercício ou tarefa. Assim houve o cuidado constante de colocar atividades com uma sequência lógica de forma a tornar as transições mais fluentes e também para que a informação fosse transmitida rapidamente. Esta sequência lógica também se prendeu com o facto de realizar tarefas com um nível crescente de complexidade. Na transição de tarefas, que deve ser breve, deve também o professor ter em atenção a segurança dos alunos, tendo estes sempre cientes das regras a cumprir, não só durante as tarefas mas também nas suas transições.

Para uma boa gestão é necessário ter em conta alguns aspetos inerentes às lecionação. Assim é importante o controlo inicial da atividade, a verificação da disponibilidade de todo o material necessário, a pontualidade (por parte do professor e alunos), a utilização de um processo de chamada rápido, estabelecer / combinar sinais de atenção, reunião e transição, utilização de interações e *feedbacks* positivos, utilização do entusiasmo, incitamento e elogio.

A gestão do tempo de aula (na sua globalidade) foi bem conseguida, sendo que as aulas, por regra geral, começaram e terminaram a horas. A maior dificuldade prendeu-se com a gestão do tempo para cada exercício, principalmente no momento da planificação. No início, era difícil perceber o tempo necessário para os alunos exercitarem e atingirem os objetivos propostos. Esta dificuldade foi ultrapassada com

a exercitação aula a aula, possibilitando ao professor estagiário adquirir e melhorar esta gestão de tempo.

5.3. Clima/Disciplina

O controlo dos alunos é fundamental para o bom funcionamento das aulas. Nesta turma conseguiu-se manter o controlo em todas as aulas, não se verificando grandes problemas de indisciplina, tirando alguns comportamentos fora da tarefa, ignorados sempre que possível por parte do professor estagiário.

A dimensão Disciplina está profundamente ligada ao Clima sendo fortemente afetada pela Gestão e qualidade da Instrução. Dentro da dimensão Disciplina temos os comportamentos fora da tarefa e os comportamentos de desvio. Os primeiros devem ser ignorados sempre que possível, já os segundos, são considerados comportamentos de indisciplina, e por isso devem implicar uma intervenção do professor, que pode ser repreensiva, se for verbal, ou punitiva quando se recorre a um castigo. A intervenção do professor deve ser repreensiva quando o comportamento se verificou pela primeira vez, ou quando o comportamento não foi grave, isto é, não existiram ofensas verbais ou corporais. Quando o professor opta por uma intervenção punitiva, este deve ser pertinente (não deixar passar o momento), ser justo (a pena deve ser correspondente à gravidade da falha), ser coerente (à mesma falha o mesmo castigo), ser consistente (depois de punir não recuar), e ser credível (punindo apenas nas situações devidas).

Segundo Siedentop (2008) o passo mais importante para se conseguir uma boa disciplina consiste em desenvolver e manter os comportamentos apropriados dos alunos.

A dimensão Clima engloba aspetos de intervenção pedagógica relacionados com interações pessoais, relações humanas e ambiente. É importante fomentar e manter uma boa relação entre professor e aluno, pois ajuda a criar um clima positivo no qual os alunos podem alcançar os objetivos educativos importantes. O professor deve então ser consciente, interagir em face de comportamentos significativos, demonstrar entusiasmo, relacionar as interações com as emoções e sentimentos dos alunos, controlar as suas próprias emoções, ser credível, positivo e exigente.

5.4. Decisões de Ajustamento

No que diz respeito às decisões de ajustamento, o processo de ensino – aprendizagem decorreu de uma forma geral como planeado, não sendo necessário tomar decisões de ajustamento radicais.

No que diz respeito ao planeamento, ocorreram alguns ajustamentos, quer a nível de unidades didáticas, quer a nível dos planos de aula. Começando pelas unidades didáticas, o primeiro ajustamento foi na abordagem da unidade didática de futebol que, por opção do núcleo de estágio, se resolveu abordar antes a modalidade de futsal, uma vez que era mais adequado ao contexto escolar. Ainda no primeiro período houve mais ajustamentos, optando assim por realizar duas unidades didáticas em simultâneo, mais propriamente o futsal e o atletismo, com vista à motivação dos alunos que consideravam o atletismo muito maçador. No segundo período, ocorreram também ajustamentos relativamente às unidades didáticas, sendo suposto abordar a matéria de ginástica, voleibol e badmínton. Tal não aconteceu pois o professor estagiário achou pertinente prolongar a unidade didática de ginástica, devido à dificuldade dos alunos, abortando assim a matéria de badmínton.

Ao nível dos planos de aula também se deram alguns ajustamentos, uma vez que ativação geral era inicialmente realizada por meio de jogos lúdicos, passando a ser realizada momentaneamente através de exercícios de corrida devidamente organizados, uma vez que os alunos brincavam muito e se empenhavam pouco nos exercícios, ficando por vezes muito agitados para a parte fundamental da aula. Assim a estratégia de ensino por comando foi adotada de forma a fomentar hábitos de trabalho inexistentes na turma E do 9º ano. Ainda nos planos de aula foram surgindo algumas alterações ao nível dos exercícios por se considerar que os alunos seriam favorecidos com a alteração, optando por exercícios mais simples ou mais complexos, dependendo da prestação dos alunos.

6. AVALIAÇÃO

Segundo Maccario (1982), avaliar consiste na atribuição de um valor ou de um juízo a algo ou alguém em função de um dado projeto. Gronlund (Landsheere, 1979 in Chevallard, 1990) citado por Pinto (2004), define avaliação como um processo sistemático com o objetivo de determinar em que medida os objetivos educativos são atingidos. Ribeiro (1999) entende a avaliação como um processo que intenta acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu processo de aprendizagem, identificando o que já foi alcançado e pretendendo encontrar as melhores soluções para as dificuldades sentidas, podendo-se reformular o ensino e aumentar a sua qualidade. Assim, a avaliação incide sobre o desempenho do aluno e até, sobre o plano de ação do professor, estando intrinsecamente ligada ao processo pedagógico. A avaliação é então da responsabilidade do professor, tendo por objetivo reunir as informações necessárias, o mais relevantes e exatas possíveis, para tomadas de decisão corretas e conscientes sobre o processo de ensino – aprendizagem (Arends, 1995). Cardinet (1983) citado por Pinto (2004), aponta três funções da avaliação: a regulação dos processos de ensino – aprendizagem que se projeta para a sua própria função pedagógica, a certificação com o objetivo de validação de competências, e a seleção/orientação que favorece a evolução do aluno. A avaliação torna-se assim, essencial para a elaboração de critérios e objetivos adequados e específicos de acordo com as características do meio e da turma, para se selecionar as estratégias de ensino e os conteúdos (Maccario, 1982). Deste modo é necessário garantir uma recolha de informação tão objetiva quanto possível, nos diversos momentos de avaliação que se prendem com a diagnose da situação de partida, o desenrolar do processo e o resultado a que chegamos (Matos Z. & Braga, A. 1988 e 1989). Estes três pontos vêm, de certa forma, definir os três tipos de avaliação utilizados no decorrer do ano letivo: a Avaliação Diagnóstica, que pretende definir a situação do aluno à partida; a Avaliação Formativa, que se destina a controlar o desenrolar do processo de ensino-aprendizagem; e a Avaliação Sumativa a qual pretende controlar os resultados obtidos.

Em conformidade, o professor estagiário procedeu, ao longo das unidades didáticas, a estes tipos de avaliação, sendo estas realizadas nos domínios cognitivo, sócio – afetivo e motor, e a partir da observação de um conjunto de competências às quais estava associado um determinado grau de sucesso explicitado em vários níveis de desempenho.

6.1. Avaliação Diagnóstica

Analisando-se em particular cada um dos tipos de avaliação acima mencionados utilizados, falarei inicialmente sobre a avaliação diagnóstica. Segundo Ribeiro (1999) e Carvalho (1994), pretende verificar a atitude do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas bem como a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de precaver dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. Desta forma, permite ao professor saber quais as possibilidades dos alunos e prevenir ou solucionar as dificuldades atuais ou futuras.

A avaliação diagnóstica é fundamentalmente utilizada no início de novas aprendizagens, podendo ser utilizada em qualquer momento de um período. O objetivo desta avaliação é sobretudo averiguar se o aluno está na posse de certos conhecimentos anteriores que servirão de base à unidade que se vai iniciar (pré-requisitos). Foi neste sentido que, no decorrer deste ano letivo, este tipo de avaliação foi aplicado no início de cada unidade didática, ou seja, como abordagem inicial de cada modalidade desportiva, verificando as competências do domínio motor, sócio – afetivo e cognitivo. Os dados recolhidos conduziram a tomadas de decisão através de uma adaptação do ensino às características e níveis dos alunos, como a adoção de estratégias de diferenciação pedagógica, e adequação ou reformulação do planeamento.

O Núcleo de Estágio procedeu à construção de grelhas de Avaliação Diagnóstica para cada matéria a abordar, baseando-se nos conteúdos programáticos do 3º ciclo do Ensino Básico para a disciplina. Foram tidas em atenção as indicações programáticas do 7º ao 9º ano de escolaridade, uma vez que muitos alunos poderiam não ter atingido, no ano transato, os objetivos propostos para esse ano ou estarem num nível mais avançado do que o estabelecido para o 9º

ano de escolaridade. O registo da avaliação foi realizado de forma direta na grelha, através de situações de exercícios critério/sequências (técnica) e/ou situações de jogo reduzido (técnica e tática), consoante as matérias. A cada critério correspondia um nível de desempenho, através da simbologia 1 (Não Executa), 2 (Executa com Dificuldade), 3 (Executa), 4 (Executa bem) e 5 (Executa muito bem). Posteriormente, era atribuído a cada aluno, com base na avaliação obtida em cada critério, a classificação de nível: não introdutório, introdutório, elementar ou avançado.

Assim, como referido anteriormente, a Avaliação Diagnóstica constituiu o ponto de partida para a elaboração da unidade didática ao definir os objetivos comportamentais terminais, a extensão e sequência de conteúdos e as estratégias de ensino.

6.2. Avaliação Formativa

Segundo Ribeiro (1999) a Avaliação Formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar as suas dificuldades e lhes dar solução. A avaliação formativa pode ser entendida como o instrumento para detetar as dificuldades e os êxitos dos alunos no decorrer do processo de ensino-aprendizagem e, também, como um meio para adaptar as características do ensino às características dos jovens, visando o sucesso dos mesmos. Ou seja, tem uma função reguladora e desta forma não se presta à classificação, o que leva a que não deva ser comunicada através de “notas”; por outras palavras, o objetivo desta não é atribuir notas mas sim ajudar o professor e alunos a regularem o processo de ensino (Dias, L. & Rosado, A. 2003).

Assim, a Avaliação Formativa teve como propósito verificar se o aluno estava a atingir os objetivos previstos sob forma de conceitos, habilidades e atitudes, identificando as suas dificuldades, e recolhendo informações que permitissem ao professor estagiário adaptar a sua ação pedagógica, aperfeiçoando o processo de ensino – aprendizagem. No entanto, este tipo de avaliação foi realizado de forma pouco formal comparativamente aos restantes tipos de avaliação, esta opção foi realizada no sentido de apenas ser feita de modo contínuo, sem o desenvolvimento de um instrumento de observação. Contudo, após cada aula foi realizada uma análise dos acontecimentos, refletindo sobre os mesmos. Foram contemplados

aspectos relativos ao domínio sócio – afetivo, tais como pontualidade, assiduidade, comportamento e empenho, e ao domínio cognitivo (conhecimento das regras de segurança, do equipamento e material e das componentes críticas dos vários conteúdos).

Também os aspectos relativos ao domínio motor eram tidos em conta, de forma a verificar a direção do processo de aprendizagem e adaptar objetivos caso necessário. A avaliação das competências do domínio cognitivo e sócio - afetivo foi realizada por observação do comportamento dos alunos durante as aulas. Sensivelmente a meio de cada período escolar, aquando da realização de reuniões intercalares, houve momento de elaboração de um documento de informação periódica ao diretor de turma, de forma que este pudesse ser informado da situação dos alunos e para que a mesma fosse também comunicada a outro dos intervenientes, o encarregado de educação, sendo esta uma das funções deste tipo de avaliação.

6.3. Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro (1999) a avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. Assim, tem uma função classificatória e o seu objetivo é atribuir uma nota definitiva, tendo por base os níveis de aproveitamento que foram anteriormente estabelecidos, ao sumariar o desempenho de um determinado aluno, num conjunto de objetivos de aprendizagem (Arends, 1995).

A avaliação sumativa deve desempenhar um importante papel educativo, não devendo ser unicamente entendida como uma mera avaliação final para atribuir notas aos alunos. A avaliação sumativa visa determinar o nível alcançado pelo aluno de acordo com critérios previamente definidos, consolidar os seus conhecimentos e valorizar as suas aprendizagens, expressando-o então por fim numa classificação quantitativa.

Este método de avaliação que deve ser aplicado no final da unidade didática, serve ainda para o professor perceber a eficácia dos processos de ensino e aprendizagem, pois através da determinação do grau dos objetivos alcançados

comparando com os previstos, pode introduzir medidas corretivas no seu processo de ensino de forma a melhorá-lo, ou seja, possibilitou ao professor estagiário avaliar o seu próprio trabalho durante a unidade didática, verificando se os objetivos propostos estavam adaptados às capacidades dos alunos e se as progressões pedagógicas realizadas eram as mais adequadas.

Matos, Z. & Braga, A. (1988 e 1989), consideram que o ato de avaliar consome tempo e energias substanciais, e apresentam como solução deste problema o não encarar a avaliação como um momento de paragem no ensino, mas colocá-lo dentro do próprio processo. Há então que encontrar formas metodológicas, adequadas e sobretudo económicas, que permitam recolher informação necessária no cumprimento dos três momentos avaliativos apontados.

Na avaliação diagnóstica e na avaliação formativa, com particular incidência na primeira, sugere-se que o professor realize uma observação de carácter global, procurando indicadores que lhe forneçam uma informação suficiente sobre o estado do aluno e da turma no primeiro caso, e sobre as lacunas e dificuldades de aprendizagem no segundo caso, registando só os casos mais relevantes. A avaliação sumativa, no entanto, deve revestir-se de uma maior segurança e correção. As decisões a que conduz exigem que os parâmetros observados, os instrumentos escolhidos, integrem relativamente à medida, à congruência e ao juízo de valor.

Tal como para Rosado e Colaço (2002), a construção de instrumentos de avaliação está intimamente ligada às operações de planificação e, em particular, à identificação de objetivos e a sua especificação. A construção de sistemas de avaliação passará em primeiro lugar, pela definição clara dos objetivos, das variáveis e dos indicadores a medir. A avaliação objetiva exige o recurso a dois tipos de medida, as medidas de carácter quantitativo e as medidas de carácter qualitativo. Ambos os tipos de medida podem ser de grande objetividade, embora com medidas de carácter quantitativo seja mais fácil garantir essa objetividade.

Em concordância com os autores acima citados, no desenrolar das avaliações não houve grandes alterações no âmbito da organização e estrutura da aula, de forma a integrar a avaliação no processo de ensino não quebrando rotinas nem aprendizagens. Mesmo na avaliação sumativa, as alterações não se tornam significativas no que diz respeito à estrutura da aula, as alterações são apenas feitas na gestão do tempo, tentando que as tarefas englobem todos os conteúdos

abordados, e aquando de modalidades coletivas, dar maior ênfase ao jogo, aumentando desta forma o tempo de exercitação do mesmo. No que diz respeito ao controlo, observação e anotação do desempenho dos alunos, as diferenças já são algumas comparativamente aos outros dois momentos de avaliação, através de uma observação mais pormenorizada, de modo a haver um eficaz controlo de aprendizagens e posterior anotação em instrumento pré-elaborado.

Para a avaliação da turma durante este ano letivo foram construídos vários instrumentos dependendo da matéria e de qual o tipo de avaliação a realizar. Foi neste sentido que, para a avaliação inicial ou diagnóstica foi elaborada uma escala tipo Likert de modo a classificar os alunos em níveis (Introductorio, Elementar, Avançado) de modo a que aluno, além de ter uma colocação por nível tivesse também, uma análise qualitativa do resultado obtido. Na avaliação sumativa, o método foi significativamente alterado também devido ao âmbito desta avaliação, o seu carácter classificativo obrigou a alterar a escala de modo a que cada item fosse classificado em 5 níveis distintos e que no fim fosse atribuída uma classificação final. Durante as aulas de Avaliação Sumativa, o professor estagiário respeitou o formato normal das aulas de Educação Física, não procedendo a uma avaliação individual e seriada dos alunos, e estas foram realizadas na última aula de cada unidade didática. Procedeu-se à construção de grelhas de Avaliação Sumativa para cada matéria, de acordo com os conteúdos abordados e objetivos a atingir. Os domínios sócio – afetivo e cognitivo foram avaliados a partir dos resultados da Avaliação Formativa contínua, completando a Avaliação Sumativa. No que toca às competências do domínio motor, a avaliação realizou-se de forma direta na grelha, através da observação dos elementos técnicos e táticos que compunham os objetivos propostos a alcançar e que os alunos deveriam realizar com sucesso no final da Unidade Didática, em situação de exercício/sequência e/ou de situação de jogo reduzido, consoante as matérias. Os resultados obtidos foram registados na grelha de Avaliação Sumativa através da atribuição de um nível de desempenho, de acordo com uma escala de 1 – Não executa - a 5 – Executa muito bem, onde:

Nível 1 – Corresponde aos alunos que nunca realizam a ação motora;

Nível 2 – Corresponde aos alunos que a realizam com muitas dificuldades e não cumprem minimamente as suas componentes críticas;

Nível 3 – Corresponde aos alunos que a realizam e que cumprem minimamente as suas componentes críticas;

Nível 4 – Corresponde aos alunos que a realizam bem e regularmente, cumprindo quase sempre as suas componentes críticas;

Nível 5 – Corresponde aos alunos que realizam muito bem a acção motora e que cumprem todas as suas componentes críticas.

Para finalizar o processo de avaliação, o professor estagiário comparou as grelhas de avaliação diagnóstica com as grelhas da avaliação sumativa, de onde decorriam informações sobre os objetivos efetivamente atingidos, confrontando assim os resultados perspetivados e os realmente alcançados, tornando-se esta avaliação muito importante para reformular e avaliar a eficácia do processo de ensino – aprendizagem.

7. COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL

A reflexão sobre a dimensão ético-profissional deve começar antes da prática profissional, sendo que esta influencia a própria intervenção pedagógica. Assim, é importante que ao longo da formação do professor estagiário, este desenvolva princípios morais que encaminhem a sua conduta enquanto professor. Pretendia-se que o professor estagiário revelasse compromisso com as aprendizagens, responsabilidade, pontualidade, disponibilidade, capacidade de trabalho de equipa, capacidade de iniciativa, inovação das práticas pedagógicas e análise crítica e reflexiva.

Desta forma o professor estagiário durante o ano letivo de 2011/2012 adotou sempre uma postura de pontualidade e assiduidade, inculcando estes mesmos valores no seus alunos. Neste sentido o professor estagiário nunca faltou e chegou sempre antes do toque de entrada de forma a montar todo o material necessário para a aula começar há hora planeada.

Na grande maioria dos conteúdos abordados, existia já algum domínio e conhecimento dos mesmos, contudo há sempre necessidade de pesquisa para uma melhor preparação das aulas, levando a práticas de autoformação, pesquisando bibliografia da área e/ou documentos de apoio às aulas, de forma a desenvolver e potencializar o seu desenvolvimento pessoal.

Ao longo do ano letivo o professor estagiário mostrou-se sempre disponível para os alunos e para a escola, atendendo sempre que possível às necessidades por parte dos mesmos. Participando sempre que necessário nas atividades escolares, nomeadamente as organizadas pelo grupo de educação física e fazendo o acompanhamento do cargo de diretor de turma, a quem apresentou assessoria.

Relativamente ao trabalho de equipa, o Núcleo de Estágio foi o responsável maior desta prática, sendo o ano de estágio um ano bastante produtivo e muito útil neste ponto. Assim a cooperação entre estagiários era promovida na realização de várias tarefas, tais como, na realização de documentos, reflexões sobre atividades e dificuldades sentidos no meio escolar, bem como na preparação das atividades de grupo.

Vivemos numa sociedade em que a inovação se desenrola de maneira galopante, sendo cada vez mais a necessidade de as pessoas se inovarem. Os

métodos de ensino utilizados há uns anos atrás, já são hoje ultrapassados, uma vez que a prática de ensino tem sofrido várias transformações, principalmente nas abordagens da prática pedagógica.

No decorrer do ano letivo, foram aplicadas práticas de inovação pedagógica, com o objetivo de melhorar o processo ensino – aprendizagem, motivando os alunos para as aulas de educação física. Sempre que possível, foi procurado criar situações lúdicas e de acordo com a modalidade a abordar. A ativação geral “tradicional”, ainda muito observada nas aulas de educação física, comparativamente ao lúdico, promove muito menos a motivação dos alunos e não pode ser considerado mais eficaz pois, se as situações lúdicas forem bem selecionadas, tendo sempre em conta a natureza da modalidade, promoverá uma boa ativação do organismo, preparando o mesmo para a prática específica. Para a parte fundamental da aula foi necessária alguma pesquisa para haver alguma inovação, optando-se sempre por situações o mais perto possível do jogo, criando sempre uma boa dinâmica na aula, evitando ao máximo as situações de exercícios critério que provocam tempos de espera e desmotivação por parte dos alunos.

A análise crítica e reflexiva esteve sempre presente durante o estágio, uma vez que o núcleo de estágio se reunia com o intuito de avaliar o trabalho desenvolvido quer individualmente quer de grupo. Esta capacidade foi sendo desenvolvida ao longo de todo o ano letivo, revelando-se bastante importante na solução de problemas e descoberta de novos horizontes.

O professor estagiário mostrou sempre responsabilidade sobre os compromissos assumidos, cumprindo as exigências inerentes à escola e ao estágio. O compromisso com as aprendizagens dos alunos teve início com o planeamento, sendo este realizado com o máximo rigor.

O professor estagiário esteve este ano não só a aprender mas também a ensinar, sendo responsável pelo processo de aprendizagem e evolução dos seus alunos.

As capacidades de iniciativa foram incentivadas e desenvolvidas desde início, sendo o orientador responsável por fomentar a nossa capacidade de assumir decisões fundamentais ou arranjar soluções para diversos problemas.

8. A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS PARA A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nesta etapa final, que consistiu no estágio pedagógico, foi atribuída uma turma a cada professor estagiário, turma essa que seria da inteira responsabilidade de cada estagiário. Uma vez que os três professores estagiários eram trabalhadores – estudantes, o professor orientador permitiu que o núcleo de estágio visse o horário das turmas disponíveis e que então cada um escolhesse a turma cujo horário fosse mais compatível com as suas atividades extra mestrado. A turma E do 9º ano foi então a escolhida por mim. A turma era inicialmente constituída por vinte e oito alunos, sendo vinte raparigas e oito rapazes.

Após o primeiro contato com a turma, foi fácil apurar que a maioria dos alunos não mostravam grande disponibilidade para a atividade física, encarando a disciplina de educação física como sendo uma brincadeira pouco importante para o seu desenvolvimento e formação. A turma não mostrava hábitos de trabalho, sendo inicialmente difícil os alunos cumprirem uma tarefa, procurando sempre uma forma de ludibriar a situação, mostrando grande desinteresse e falta de empenho para com a disciplina.

A educação tem como objetivo preparar os jovens para o futuro. No processo ensino – aprendizagem, a educação física é uma disciplina cujo contributo é essencial para o desenvolvimento da personalidade do ser humano. De acordo com Sousa (1988), é no jogo que a criança imita, experimenta e enriquece a sua linguagem, a sua curiosidade e as suas capacidades de criatividade e integração. Nos últimos anos tem-se verificado uma queda progressiva da participação na educação física escolar e também nas práticas desportivas em contexto extracurricular pelos adolescentes. Sabendo-se a importância que a prática de atividade física tem na formação de adultos saudáveis, o abandono e o desinteresse dos adolescentes pela prática desportiva, é motivo de preocupação com o estado de saúde das populações futuras. Para um futuro professor de educação física é importante saber o motivo e a solução para a falta de motivação cada vez maior, por parte dos alunos, em relação à prática de atividade física. O abandono e a indiferença dos jovens pela prática desportiva podem ter várias causas. A evolução das novas tecnologias, que deixam de certa forma a vida mais confortável, contribui para que, a cada dia, as pessoas façam menos movimento, aumentando consequentemente o risco de sedentarismo.

Muitos jovens têm o seu primeiro contato com a atividade física nas escolas, sendo essa a sua única oportunidade de uma atividade física orientada. Uma das funções do professor de educação física passa também por motivar os alunos para a prática de atividade física quer a nível escolar quer a nível extracurricular. A motivação pode ser o principal fator a influenciar o comportamento de uma pessoa no processo ensino-aprendizagem, pois ela influi, com muita propriedade, em todos os tipos de comportamentos, permitindo um maior envolvimento ou uma simples participação em atividades que se relacionem com a aprendizagem, desempenho e atenção (Gouveia, 2007). A motivação é um fator fundamental para que ocorra aprendizagem e para que os jovens sejam assíduos nas aulas de educação física. Para além dos alunos que apenas têm possibilidade de realizar atividade física na escola, há cada vez mais aqueles que simplesmente não se interessam pela atividade física, seja ela na escola ou fora dela, havendo assim um excessivo número de jovens que não realiza qualquer tipo de atividade física. Para muitos alunos, a educação física é mais uma disciplina a preencher o horário, não se importando com os benefícios que esta tem na sua saúde, no seu desenvolvimento motor e psíquico. É cada vez mais usual encontrar alunos sem hábitos de vida saudáveis, não tendo qualquer vontade ou motivação para a realização das aulas de educação física. “A motivação está na raiz do comportamento. Toda a atividade tem origem numa «energia» geradora de «forças», ou de «dinamismos» que mobilizam ou põem em movimento os protagonistas da atividade.” (Abreu, 1998). Singer (1984) refere que é da responsabilidade da motivação a preferência (seleção) por qualquer atividade, a persistência nessa mesma atividade, a intensidade e vigor do rendimento e o carácter adequado do rendimento relativamente a determinados padrões.

Durante a formação dos futuros professores, estes são munidos de várias estratégias de ensino de modo a manter os seus alunos motivados na aula, com vista ao sucesso do processo ensino – aprendizagem. “A nossa ânsia de fazer com que os alunos aprendam o currículo prescrito, tendemos a negligenciar a verdade evidente de que a motivação para aprender surge da necessidade de quem aprende, e não das do professor” (Lindgren, 1971). Gouveia (2007) afirma que, “sem a presença da motivação, os alunos nas aulas de Educação Física não exercerão as atividades ou então, farão mal o que for proposto. A motivação em questão é a responsável”. O empenho dos alunos é fundamental para que estes consigam

evoluir nas suas aprendizagens, contudo tal só é possível se estes se sentirem motivados.

Segundo Samulski (2002), o conceito de motivação é caracterizado como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, em que depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Segundo esse modelo, a motivação apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas). As competências da educação física são adquiridas através da prática da atividade física, adequada às necessidades de cada aluno, em situações que promovam o seu desenvolvimento, isto é, situações em que o esforço físico, a aprendizagem, a descoberta e o desafio pessoal e coletivo sejam uma constante. Quando existem alunos menos motivados para as aulas, é fundamental uma posição decisiva e uma atitude convicta por parte do professor, em relação a este assunto. O grande objetivo dos professores de educação física é saber o que motiva ou não os alunos para as suas aulas. Só depois de conhecer os motivos que levam o aluno a realizar a atividade física, é que é possível ao professor tomar decisões e influenciar a persistência dos indivíduos nas atividades. Motivar os alunos não é só um mero processo de aplicação de teorias, com técnicas mais ou menos lúdicas. Trata-se de conhecer os porquês e os fatores mais importantes que influenciam os níveis de motivação dos jovens, para que o professor recorra a técnicas suscetíveis de influenciar a persistência dos indivíduos nas atividades e a intensidade com que se lhes dedicam, já que na maior parte dos casos, o comportamento inicial de escolha das atividades, escapa por completo ao controlo técnico (Frias & Serpa, 1991).

Em síntese, se a motivação é um dos fatores que mais poderá influenciar o sucesso do ensino, esta deverá ser uma constante preocupação dos professores em geral.

9. CONCLUSÃO

Após terminado o estágio pedagógico é possível concluir que este foi um ano bastante rico em novas vivências e transmissão de saberes. Após quatro anos de estudo, desde o início da licenciatura, este foi o derradeiro ano para pôr em prática os conhecimentos adquiridos até então.

No início os receios eram muitos, pois o medo de falhar em frente aos alunos era algo que me “assombrava” nos dias que antecederam o início do ano letivo. O professor orientador foi um grande apoio, guiando-nos sempre na direção certa e dando soluções para os nossos problemas. O balanço deste ano é extremamente positivo, tendo havido uma grande evolução no que diz respeito à minha intervenção e à vontade em frente dos alunos. Para tal evolução foram importantes os momentos de reunião com o professor orientador, efetuados logo após as aulas, refletindo nos momentos positivos e negativos de cada aula, podendo assim evoluir de dia para dia.

No que diz respeito ao planeamento o professor orientador foi também uma grande ajuda, transmitindo o seu conhecimento e experiência de forma a termos sucesso nas nossas tarefas. Foi extremamente importante o contato com a escola nesta nossa última etapa de formação, pois só assim conseguimos ter noção dos encargos da nossa futura profissão. Em suma, apesar de mais uma etapa concretizada, a minha aprendizagem como professor não se dá concluída por aqui, sendo necessária uma formação continuada, uma vez que as práticas de ensino aplicadas hoje são diferentes das de amanhã.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M. V. (1998). Cinco ensaios sobre a motivação. Coimbra: Almedina
- Almeida, M. (2008). Acesso e Permanência com Sucesso: A Avaliação Escolar do Aluno. Consultado em Junho de 2010 em *Monografias.com*: <http://br.monografias.com/trabalhos906/acesso-e-permanencia/acesso-e-permanencia.shtml>
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill
- Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- Boggino, N. (2009). A avaliação como estratégia de ensino. Avaliar processos e resultados. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 9, pp. 79-86. Consultado em Junho de 2010 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Bossle, F. (2002). Planeamento de ensino na Educação Física – Uma contribuição ao colectivo docente. *Movimento*, 8 (1), pp. 31-39.
- Caetano, A. P. & Silva, M. (2009). Ética profissional e Formação de Professores. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 8, pp. 49-60. Consultado em Junho de 2010 em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 11, pp. 135-151. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física.
- Cazorla, G. (1984). De l'evaluation en activité physique et sportive. Travaux et recherches en E.P.S. n° 7, Evaluation de la valeur physique, pp. 7-35. INSEP, Paris.
- Dias, L. & Rosado, A. (2003) A avaliação formativa em Educação Física.
- Estrela, M.T. (1983). Apports Scientifiques à L'Étude de L'Indiscipline dans la Classe. Thèse pour le doctorat d'état, non publiée. Université de Caen. Caen

Fernandes, E. (1997). O trabalho cooperativo no contexto de sala de aula. *Análise Psicológica*, 4 (XV), pp. 563-572.

Fias, J. & Serpa, S. (1991). Factores de motivação para a actividade gímnica no quadro da ginástica geral: ginástica de manutenção e ginástica de representação. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *As ciências do desporto e a prática desportiva: Desporto na escola, Desporto na reeducação e reabilitação – Actas* (p.521-532). Porto: FCDEF-UP.

Graça, A. (2006). A instrução como processo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20 (5), pp. 169-170.

Grave-Resende, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Universidade Aberta. (pp. 22-29).

<http://www.efdeportes.com/efd135/formacao-continua-em-professores-de-educacao-fisica.htm>

Januário *et al.* (2009). Desenvolvimento profissional: a percepção da importância da formação contínua e das necessidades de formação em professores de Educação Física. *Revista Digital Efedepportes.com*, Ano 14, 135. Consultado em Junho de 2010 em Bibliografia 62

Maccario, B. (1982). Qu'est-ce-qu'évaluer?. *Théorie et Pratique de l'évaluation dans la pédagogie des activités physiques et sportives*. Paris: Vigot. (pp. 23-28).

Machado, F. A. *et al.* (1991). Modelos de planificação. in *Currículo e Desenvolvimento Curricular. Problemas e Perspectivas*. Porto: Edições Asa.

Matos, Z. & Braga, A. (1988 E 1989). *Avaliação em Educação Física (I e II)*.

Mattos, M. G.; Neira, M. G. (2000) *Educação Física na Adolescência: construindo o conhecimento na escola*. São Paulo: Phorte.

Méndez, A. & Manuel, J. (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: Asa Editores;

Padilha, R. P. (2001) Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.

Pereira, P. (2000). A planificação dos professores em Educação Física: alguns contributos para o seu estudo. *Horizonte*, 17 (92), pp. 14-18.

Pinto, J. (2004). *A avaliação em Educação*. Escola Superior de Educação de Setúbal (documento policopiado).

Ponte, J. P. (1998). Da formação ao desenvolvimento profissional. In *Actas do ProfMat 98*. Lisboa: APM. (pp. 27-44)

REGIME JURÍDICO DE FORMAÇÃO CONTÍNUA, Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro.

Ribeiro, A. (1999). Modelos de organização curricular. in *Desenvolvimento Curricular* (8ª Ed.). Lisboa: Texto Editora.

Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora. (pp. 75-92).

Rosado, A. & Colaço, C. (2002) Critérios gerais de concepção de sistemas e instrumentos de avaliação: aplicação à Educação Física e às Ciências do Desporto. (pp. 99-149).

Rosado, A. (1998). Desenvolvimento Sócio – Afectivo em Educação Física: Percepção da importância da Educação Física e estratégias de intervenção no domínio sócio – afectivo por parte de professores experientes. Consultado em Junho de 2010 em http://www.ipv.pt/millennium/etc10_rosd.thm

Samulski, D.M. (2002). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Manole.

Sarmiento, P. (Ed.) (2003). *Pedagogia do Desporto*. Estudo 7. Lisboa: Edições FMH:

Siedentop, D. (2008). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. Barcelona: Inde.

Silva, E., Fachada, M., & Nobre, P. (2009). *Guia das Unidades Curriculares dos 3º e 4º semestres 2009-2010*. Coimbra: FCDEF-UC.

Singer, R. (1984). *Peak Performance and more*. New York, Movement Publications., Inc.

11. ANEXO



Ano Letivo 2011/2012

Inquérito Individual Para Caracterização da Turma



1- Identificação Pessoal

Nome: _____ Sexo: Masculino
 Ano/Turma: ____/____ N.º: _____ Idade: _____ Feminino
 Data de Nascimento: __/__/__ Nacionalidade: Portuguesa Outra: _____
 Morada: _____ Conselho: _____
 Tel./ Tlm. _____ / _____ E-Mail _____

2- Filiação

Nome do pai: _____ Idade: _____
 Profissão: _____ Habilitações literárias: _____
 Morada: _____ Tel./ Tlm. _____ / _____
 Nome da mãe: _____ Idade: _____
 Profissão: _____ Habilitações Literárias: _____
 Morada: _____ Tel./ Tlm. _____ / _____

3- Encarregado de Educação

Nome: _____ Grau de parentesco: _____
 Morada: _____ Profissão: _____
 Tel./ Tlm. _____ / _____ E-mail _____

4- Agregado familiar

Pai Mãe Irmãos Avós Outros: _____

N.º de irmãos: _____ Idades: _____

Alterações recentes (menos de 1 ano) verificadas no agregado familiar;

Separação dos pais: Sim Não

Falecimento de familiar próximo: Sim Não Grau de parentesco : _____

Nascimento de irmão(s): Sim Não



11.1. ANEXO - Continuação



5- Alimentação / Saúde

Quais as refeições que fazes durante o dia;

Pequeno almoço Meio da manhã Almoço Lanche Jantar Ceia

Normalmente deitas-te a que horas? 21-22 22-23 23-24 +24

Normalmente levantas-te a que horas? 6-7 7-8 8-9 +9

Altura: _____ cm Peso: _____ Kg Fumas? Sim Não

Tens problemas de audição/visão? Sim Não Qual? _____

Já tiveste alguma destas doenças?

Varicela Sarampo Rubéola Meningite Hepatite Febre reumática

Outras: _____

Tens alguma destas doenças?

Otites Asma Diabetes Epilepsia Doenças cardíacas

Outras: _____

Tens alguma deficiência física? Sim Não Qual? _____

Tomas algum medicamento regular? Sim Não

És alérgico a algum medicamento? Sim Não

6- Vida Escolar

Gostas da tua escola? Sim Não

Porquê? _____

Como vens para a escola?

A pé Carro Transportes Públicos Bicicleta Outro: _____

Tempo utilizado no percurso casa-escola (em minutos)?

Até 10 11 a 20 21 a 30 mais de 30

7- Estudo

Estudas em média por dia ...

30 min. 60 min. 90 min. 120 min. Antes dos testes Nunca

Onde estudas?

Em casa: local _____ Na escola Casa de amigos Outro: _____

Como gostas mais de estudar? Sozinho Em grupo

Tens alguém que te ajude a estudar? Não Sim Quem? _____

Tens computador em casa? Sim Não

E acesso à Internet? Sim Não

Os teus pais costumam ...

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes
Ver as tuas fichas de trabalho/avaliação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assinar as tuas fichas de trabalho/avaliação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



11.2. ANEXO - Continuação



Conversar contigo sobre os teus resultados escolares

Quais as disciplinas de que menos gostas? _____

Porquê? _____

Quais as disciplinas em que sentes menos dificuldades? _____

Porquê? _____

Quais as disciplinas em que sentes mais dificuldades? _____

As dificuldades que por vezes sentes resultam de ...

- Não trazes o material necessário para as aulas.
- Teres dificuldade em compreenderes a explicação do professor.
- Os assuntos serem tratados com demasiada rapidez.
- Dedicares pouco tempo ao estudo.
- Seres pouco organizado.
- A forma como o professor organiza a aula.
- Teres pouco interesse por algumas matérias.

Como te vês como aluno?

- | | |
|--|-------------------------------------|
| <input type="radio"/> Atento | <input type="radio"/> Calmo |
| <input type="radio"/> Responsável | <input type="radio"/> Distraído |
| <input type="radio"/> Preguiçoso | <input type="radio"/> Agressivo |
| <input type="radio"/> Cooperante | <input type="radio"/> Compreensivo |
| <input type="radio"/> Nervoso | <input type="radio"/> Desorganizado |
| <input type="radio"/> Honesto | <input type="radio"/> Egoísta |
| <input type="radio"/> Tímido | <input type="radio"/> Organizado |
| <input type="radio"/> Outra. Qual? _____ | |

Após o 12º ano pretendes continuar os estudos? Não Sim Qual o curso: _____

8- Ocupação dos tempos livres

Como ocupas os teus tempos livres fora da escola?

- | | |
|---|--------------------------------------|
| <input type="radio"/> Ler | <input type="radio"/> Ver televisão |
| <input type="radio"/> Jogar computador | <input type="radio"/> Ajudar os pais |
| <input type="radio"/> Ouvir música | <input type="radio"/> Estudar |
| <input type="radio"/> Conversar com os amigos | <input type="radio"/> Passear |
| <input type="radio"/> Praticar desporto | <input type="radio"/> Ir ao cinema |
| <input type="radio"/> Outros: _____ | |

Como ocupas os teus tempos livres na escola? Atividade física Estudar

Convívio com os colegas Biblioteca Outros (Quais?) _____

E como gostarias de ocupar? _____

Achas que a tua escola se preocupa com o que os seus alunos fazem nos tempos livres?



11.3. ANEXO - Continuação



Sim Não Porquê? _____

9- Educação Física

Gostas da disciplina de Educação Física? Sim Não

O que esperas da aula de Educação Física? _____

Que modalidades aprendeste no ano anterior? _____

Qual a que tens mais dificuldade? _____

Quais as tuas preferidas? _____

Quais as que menos gostas? _____

Para ti a Educação Física é importante?

Nada Pouco Assim-assim Muito

Quando vais para as aulas de Educação Física sentes-te contente?

Nada Pouco Assim-assim Muito

Costumas tomar banho após a aula de Educação Física? Sim Não

10-Dados Desportivos

Já praticaste alguma modalidade desportiva? Sim Não

Qual (ais)? _____ Quantos anos? _____

Praticas atualmente alguma modalidade? Sim Não

Qual (ais)? _____ És federado? Sim Não

Gostarias de praticar alguma modalidade desportiva? Sim Não

Qual (ais)? _____

Já participaste em atividades do Desporto Escolar em anos anteriores? Sim Não

Se sim, qual? _____

Qual a modalidade que gostarias de praticar no Desporto Escolar? _____

